

comportar neste fim de milênio, que aponta também para o fim do patriarcado. Estamos, assim, naquele momento crítico em que, na expressão lapidar de Gramsci, o antigo está morto mas o novo ainda não acabou de nascer. Neste trabalho de parto, o papel da mulher é também crucial, mas as transformações necessárias para reverter o processo destrutivo vão bem além de uma simples mudança na condição feminina. Implicam igualmente em novas maneiras de conceber o conhecimento, a ciência e a tecnologia. Um conhecimento que não se afaste do concreto e do vivido, e que já seria ético por sua própria definição, exigiria uma postura epistemológica não-dualista, a qual só poderia se desenvolver numa era pós-econômica. A satisfação das necessidades reais teria de substituir a produção e o consumo compulsórios e modelos alternativos de partilha mais equilibrada teriam de substituir a selvageria do mercado.

Utopia – dirão aqueles para quem a mudança é heresia ou os desiludidos com as heresias que substituíram as religiões, transformando-se em ideologias. Quando temperada com boa dose de realismo, ela não é escapismo, mas desafio: "a superação do patriarcado e do sistema competitivo"... diz Rose, ..."não é algo para a atual geração; mas se não se concretizar nas duas ou três que nos seguirão, pode simplesmente não ocorrer em tempo hábil". Ao afirmar que "a necessidade de sobreviver é a única mola que impulsiona qualquer utopia", em vez de nos servir um 'refogado' insípido de dogmas fechados ou a 'dobrada à moda do Porto frio' do conformismo ou do desespero nihilista, Rose prefere nos oferecer um prato mais saboroso: a possibilidade de uma esperança inteligente.

MARIA CARNEIRO DA CUNHA ■

Uma vanguarda crítica em revista

Impressões nº 3

Ed. Mulher Inteligente, Curitiba, 1992, 62 p.

Impressões lança seu número zero em 1987. Na capa, como chamada, a conjunção de duas idéias-força: Feminismo e Cultura. O número 2, publicado dois anos depois, mantém a mesma chamada, então correlacionada pela identificação: Feminismo é Cultura. São precisos – infelizmente – mais três longos anos para que, novamente, Impressões, sem chamada de capa, nos venha brindar com esse *mix*, que lhe é peculiar, de humor, rebeldia, engajamento e abertura. Ingredientes que tornam o alternativo sofisticado e interessante.

Porque Impressões mantém-se – por opção consciente e não por imposição destes tempos recessivos em idéias e recursos – uma revista deliberadamente alternativa. Alternativa por garantir um espaço de debate feminista sem entraves, por resistir às intempéries que fazem naufragar tantos projetos coletivos (os conselhos executivo e consultivo da revista permanecem solidários, as leitoras e leitores também), por persistir no desejo de permanecer verdadeira, numa radicalidade própria, sem compromissos de conjuntura.

Neste número mais recente, e ainda modesto no tamanho, Impressões reafirma a importância da cultura feminista, seja ao falar da escritura das mulheres, "escritura do corpo", como define a entrevistada, a escritora Hélène Cixous, seja ao abordar a produção das mulheres no teatro brasileiro, num texto de Ana Maria Taborda, seja ao enfatizar o lado literário do movimento de mulheres, logo, de uma outra cultura política, no artigo de Eleonora Menicucci de Oliveira, seja, ainda, ao ampliar, numa resenha do livro de Susan Brownmiller (Contra nossa vontade), o resgate da denúncia dos estupro praticados em épocas de guerra e até muito recentemente esquecidos e discriminizados como males menores, numa hierarquia de atrocidades instituída a partir do corte de gênero. Hierarquia, portanto, absurda.

De grande interesse, o dossiê sobre as mulheres do Leste europeu, de autoria de Slavenka Drakulic, jornalista e escritora feminista iugoslava, publicado na revista americana Ms. Procurando despojar-se de alguns preconceitos contra suas vizinhas da Hungria, Polônia, Tcheco e Eslováquia, Bulgária e da antiga União Soviética, aquelas mesmas que no verão circulavam entre os vários países do bloco socialista, em

busca de férias, com seus carros "entupidos de crianças, barracas e enlatados, com shorts anti-quados, sandálias de plástico", Drakulic retrata as contradições, as legadas e as novas, que o fim do socialismo real trouxe para as mulheres do Leste.

Entrevistando profissionais de distintas áreas e donas-de-casa, Drakulic descreve um cotidiano difícil e, por vezes, desalentador para essas mulheres. É comum no discurso da maioria a sobrecarga da dupla jornada, uma vez que se alcançou uma elevadíssima taxa de atividade (em torno de 90%) da população feminina – "as mulheres passaram a trabalhar como homens" – sem que houvesse ganhos reais na divisão sexual do trabalho doméstico e na modernização desses serviços nos níveis familiar e individual. É igualmente comum a constatação da existência de fortes desigualdades salariais e nas oportunidades de emprego e qualificação.

Hoje, o aborto, enquanto prática legal, vem sendo contestado e ameaçado pelas novas alianças políticas que passam a legitimar e consolidar os processos nacionais de democratização. Isso toma dimensões inquietantes em países como a Polônia, onde a nova proposta de lei defende a interdição total do aborto, com punição de três anos de reclusão para a mulher e o médico. O mesmo ocorre na Croácia (Iugoslávia), onde questões étnicas, de fundo nacionalista, passam a contestar o direito ao aborto, valorizando, ao contrário, a maternidade: cada mulher croata, em idade de procriar, deve ter no mínimo três filhos, sendo cinco o ideal.

Na Bulgária, por exemplo, onde prevalece uma combinação de socialismo e orientalismo,

o adultério é tolerado para os homens, mas não vale para as mulheres. Na Hungria, o homossexualismo ainda é ilegal e objeto de penalização.

Para as mulheres da antiga RDA, a unificação, no entanto, parece contestar certos direitos adquiridos, entre eles o do aborto livre e condições relativamente estáveis de reprodução, via subvenções públicas, como auxílio moradia, creches, custo de vida baixo. Como 30% das crianças nascem de mães solteiras, que trabalham 48 horas por semana e recebem salários modestos, a economia de mercado torna-se ameaçadora. Tais mudanças têm levado à renovação do movimento feminista, que na própria RDA passa a questionar o princípio de produtividade, identificado como masculino.

Essas mudanças têm revelado, assim, uma pseudo-emancipação feminina, propiciando a emergência de novas formas de organização autônoma das mulheres. Associações são criadas (Associação Independente de Mulheres e Lila Offensive, na RDA; a Associação Feminista Polonesa; a Aliança Independente de Mulheres, na Iugoslávia), manifestos publicados (Declaração Feminista Húngara) e revistas lançadas, embora em países como a Bulgária e a Romênia a mobilização das mulheres ainda não tenha levado ao surgimento de espaços autônomos de organização e intervenção política.

Impressões é publicada pela editora Mulher Inteligente, que, como o nome indica, tem tudo para continuar dando certo. A editoria está nas mãos de Danda Prado, Angela Arruda e Maria José de Lima.

LENA LAVINAS ■

O mistério feminino do segredo

O segredo feminino do mistério (ensaios de teologia na ótica da mulher)

BINGEMER, Maria Clara

Petrópolis: Vozes, 1991

Ler Maria Clara Bingemer, uma mulher que se escolheu teóloga, foi um privilégio. Em primeiro lugar, pela vigorosa leitura que ela me pro-

porcionou das Escrituras Sagradas, particularmente dos Evangelhos, dos quais emergem figuras femininas até então praticamente apagadas aos meus olhos. Entre essas figuras e Maria Clara: a escrita. Entre Maria Clara autora e eu leitora, novamente a escrita.

Confesso que entrei vagarosamente no aconchego dessa teologia fêmea, que não se restringe a este aspecto, mas o instaura e o afirma até para se ultrapassar. E me espantei. Com o quê? Com o "sacro ofício da recriação do verbo". Em todos os textos que tecem o livro,